

# Revista de Antropologia

VOLUMES 30/31/32

1987/88/89

## SUMÁRIO

MANUELA CARNEIRO DA CUNHA: Introdução .....	1	JURANDYR C. F. LEITE: Proteção e incorporação: a questão indí- gena no pensamento político do positivismo ortodoxo .....	255
N. GUIDON: Potencialidades dos eco- sistemas e complexidade so- cial: aplicação no estudo da pré-história do nordeste .....	9	ANTONIO CARLOS DE S. LIMA: Os museus de história natural e a construção do indigenismo ...	277
IRMHILD WÜST: A pesquisa arqueoló- gica e etnoarqueológica na par- te central do território Bororo	21	MIGUEL A. MENÉNDEZ: A presença do branco na mitologia Kawa- hiwa: história e identidade de um povo Tupi .....	331
MARIA CRISTINA M. SCATAMAC- CHIA E FRANCISCO MOS- COSO: Análise do padrão de estabelecimentos Tupi Guarani	37	ROBIN M. WRIGHT: Uma história de resistência: os heróis Baniwa e suas lutas .....	355
LUIZ MOTT: Conquista, aldeamento e domesticação dos índios Gue- guê do Piauí: 1764-1770 ...	55	ANTONIO PORRO: Mitologia heróica e messianismo na Amazônia seiscentista .....	383
MARIA HILDA B. PARAISO: Os in- dios de Olivença e a zona de veraneio dos coronéis de cacau da Bahia .....	79	RAFAEL J. DE M. BASTOS: Exegeses Yawalapití e Kawayurá da cria- ção do parque indígena do Xingu e a invenção da saga dos irmãos Villas Boas ....	391
OSWALDO M. RAVAGNANI: Aldea- mentos Goianos em 1750 — os Jesuítas e a mineração .....	111	PAULO SANTILLI: Os filhos da nação	427
OSWALDO M. RAVAGNANI: Eu te batizo... em nome da servi- dão (a catequese dos Xavante)	133	DOMINIQUE T. GALLOIS: O discurs- so Waiãpi sobre o ouro — um profetismo moderno ....	457
JOHN M. MONTEIRO: De índio a es- cravo. A transformação da po- pulação indígena de São Paulo no século XVII .....	151	BEATRIZ G. DANTAS: História de grupos indígenas e fontes es- critas: o caso de Sergipe ...	469
MARIVONE M. CHAIM: Política indí- genista em Goiás no século XVIII .....	175	PEDRO AGOSTINHO: Para a consti- tuição de um fundo de do- cumentação histórica manuscri- ta sobre índios do Brasil ...	481
EDIR P. DE BARROS: Política indí- genista, política indígena e suas relações com a política expan- sionista no II império em Ma- to Grosso .....	183	BERTA G. RIBEIRO: Museu e Me- mória: reflexões sobre o cole- cionamento .....	489
EXPEDITO ARNAUD: O índio e a as- sistência oficial. A história do índio Sabino Apompés Tapajós Mundurukús .....	225	LUCY SEKI: Apontamentos para bi- bliografia da língua Botocudo/ Borum .....	511
		COMUNICAÇÕES .....	537
		NOTICIÁRIO .....	549
		IN MEMORIAM .....	559
		BIBLIOGRAFIA .....	575

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

21

## A PESQUISA ARQUEOLÓGICA E ETNOARQUEOLÓGICA NA PARTE CENTRAL DO TERRITÓRIO BORORO, MATO GROSSO — PRIMEIROS RESULTADOS \*

*Irmhild Wust*

(Universidade Federal de Goiás, Universidade Católica de Goiás)

### INTRODUÇÃO

O projeto "Etnoarqueológico e Arqueológico da Bacia do São Lourenço, MT" está em execução desde 1983 e conta com a colaboração de Renate B. Viertler (USP) e de Irmhild Wust (UFG e UCG), além de diversos alunos a nível de graduação e de pós-graduação. Foram realizadas, até agora, quatro etapas de pesquisa de campo com duração de 120 dias. As pesquisas etnográficas e etnoarqueológicas se desenvolveram nas Reservas Indígenas de Tadarimana e Córrego Grande, e as prospecções arqueológicas foram executadas, na sua maioria, no médio e alto curso do Rio Vermelho, afluente do rio São Lourenço e dos seus tributários. As pesquisas de campo estão sendo financiadas pela FAPESP.

### ORIENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Apesar da vasta documentação etnográfica disponível sobre os Bororo Orientais, existem lacunas consideráveis entre as quais podem ser mencionadas por exemplo: o processo histórico da formação tribal, as apropriações de espaços territoriais na exploração de recursos e os aspectos sócio-políticos correlatos, a natureza das redes de relações intercomunitárias, a

(\*) — Trabalho apresentado na 15ª Reunião da ABA em Curitiba, março de 1986, e posteriormente atualizado com inclusão das primeiras datações absolutas.

Revista de Antropologia, (30/31/32, 1987/88/89).

hierarquização entre aldeias concomitantes, e as cristalizações do sistema social e ideacional em relação aos padrões de comportamento que envolvem a cultura material. Neste sentido, a pesquisa etnoarqueológica entre os Bororo é destinada a gerar modelos etnográficos que podem ser de utilidade para a arqueologia. Estes são obtidos dentro de um contexto etno-histórico atual, com ênfase nas diversas apropriações de espaços e a sua relação com a cultura material, e serão empregados para a formulação de hipóteses operacionais que, por sua vez, deverão ser testadas a partir das próprias evidências arqueológicas (cf. Binford, 1968a/b e Tringham, 1978).

Além da aproximação histórica direta — para as situações em que se verifica uma continuidade cultural entre os ocupantes indígenas e os seus antepassados, — serão empregados modelos etnográficos de caráter geral, na medida em que se trata de ocupações mais antigas que recuam na área provavelmente até o início do Holoceno, ou seja, há 11.000 anos. Um balanço das diversas orientações teóricas da etnoarqueologia, seu potencial e suas limitações, como o seu emprego nas diversas etapas da investigação, poderá ser encontrado, entre outros, em Charlton, 1981; Johnson, 1972; Stiles, 1977; Trigger, 1978 e Wylie, 1985.

Apesar das recentes tentativas de utilizar a analogia etnográfica para gerar leis gerais do comportamento, limitamo-nos, para obter parâmetros e modelos que permitam ampliar as variáveis sob consideração, especialmente, na formulação de hipóteses. Neste sentido, a analogia em si não representa a interpretação dos dados empíricos, como foi praxe no período anterior à “Nova Arqueologia”. Deve ser lembrado, também, que a etnologia não representa a única fonte capaz de fornecer modelos, podendo estes surgirem de outras áreas de conhecimento, tais como da física, proximística, geografia humana, etc.

Diante das preocupações com sistemas e processos culturais do período pré-colonial até a ocupação humana atual da área, o presente projeto de pesquisa está orientado, em primeiro plano, por uma abordagem que toma como ponto de partida a chamada “análise espacial”. Ela se tem demonstrado um instrumental teórico-metodológico bastante frutífero, uma vez que os padrões e as mudanças nas apropriações dos espaços a nível territorial e de assentamento remetem a alterações nos sistemas de abastecimento, da organização sócio-política, e ocasionalmente, do quadro ideacional (cf. entre outros: Stanislawski, 1973; Butzer, 1984; Chang, 1968 e 1972; Cassels, 1972; Clarke, 1977; Hodder e Orton, 1976).

A maioria das pesquisas arqueológicas no Brasil se caracteriza ainda por uma abordagem predominantemente classificatória e descritiva dos quadros tecnológicos, ou por abordagens ecológicas que se destacam em geral por uma tendência reducionista. O presente projeto de pesquisa pretende ultrapassar este estágio de investigação e, visa abrir perspectivas para proble-

mas de certa relevância para a própria antropologia e, especificamente, para a etnologia brasileira que, normalmente, carece de uma perspectiva temporal maior e que salvo raras exceções, já trata de situações em que a cultura indígena foi direta ou indiretamente afetada pela situação de contato.

As preocupações básicas do presente projeto estão centradas na questão que envolve o processo da transição de grupos caçadores/coletores para uma prática agrícola e a formação do sistema dual e clânico Bororo etnograficamente documentado. Esta abordagem, que se encontra no limiar da etnologia, da etno-história e da arqueologia, exige uma equipe interdisciplinar já em formação, prospecções arqueológicas intensivas em áreas de amostragens dentro de todo o território tradicional Bororo, e uma continuação das pesquisas etnográficas, orientadas por questões que envolvem principalmente aqueles aspectos da cultura material que sobrevivem no registro arqueológico.

#### PRIMEIROS DADOS ETNO-HISTÓRICOS E ETNOARQUEOLÓGICOS

A primeira referência bibliográfica sobre os Bororo recua ao final do século XVII, época em que estes índios serviam de guias da bandeira de Bartolomeu Bueno da Silva (Caldas, 1887:46). As fontes mais antigas, porém, não permitem avaliar até que ponto estamos diante de um Bororo com as características culturais etnograficamente documentadas para os séculos XIX e XX (cf. entre outros: Steinen, 1894; Koslowski, 1895; Fric e Radin, 1906; Colbacchini e Albisetti, 1942; Albisetti e Venturelli, 1962 e 1967; Levi-Strauss, 1944 e 1973; Crocker, 1967; Levak, 1971; Viertler, 1976 e 1982).

Os dados de Koslowski (1985) para os Bororo Ocidentais — que, segundo Albisetti e Venturelli (1962:217-8) se separaram dos Bororo Orientais na primeira metade do século XVIII — sugerem que o sistema sócio-cultural Bororo já era semelhante ao daquele etnograficamente conhecido. Nestes termos, o processo da consolidação final do sistema dual e clânico (como é preconizada pela mitologia, os cantos e as informações orais não formais) deverá recuar pelo menos a este período. Até que ponto as pressões demográficas, ocorridas a partir da penetração do colonizador ao longo do rio Paraguai desde o século XVI, teriam sido um dos fatores envolvidos neste processo, exigem pesquisas arqueológicas, principalmente na área do baixo São Lourenço e do curso médio do rio Paraguai, previstas para as próximas etapas de campo. Requer igualmente um levantamento exaustivo das fontes etno-históricas sobre os macro e micro deslocamentos e as relações extratribais dos grupos indígenas vizinhos do Chaco Paraguai e Boliviano.

Um levantamento sistemático dos nomes das antigas aldeias com os informantes Bororo Cirilo e Filipe (Wust e Viertler, 1984), tomando por base a toponímia e os mapas traçados por eles, permitiu a elaboração de um primeiro esboço da localização geográfica daquelas aldeias, às quais a tradição oral atribui uma privacidade clânica. Embora o significado desta privacidade ainda exija maiores especificações, as interpretações de Crocker (1969:50-1) e de Viertler (1986) parecem reforçar a idéia da existência de proto-clãs iniciais, com territórios próprios. Por sua vez, a mitologia remete a relações inicialmente hostis entre protagonistas clânicos, que se transformam aos poucos em relações amistosas, que propiciam um crescente desdobramento de um princípio dual, que aparentemente desemboca na confederação de todos estes grupos locais, culturalmente distintos. Somente a partir deste momento surgem, segundo uma visão "êmica", os Bororo "verdadeiros".

As aldeias mais antigas dos supostos proto-clãs, que mais tarde formariam a metade dos Tugaregue, se situam basicamente na parte meridional do território Bororo:

- Aróroe e Apiborege:** na região do baixo São Lourenço e nas proximidades da confluência com o rio Paraguai;
- Paiové:** na região do médio Taquari;
- Iwagudo:** nas cabeceiras do rio Araguaia.

As aldeias mais antigas dos supostos proto-clãs, que mais tarde formariam a metade dos Exeráe, se situam na parte centro-sul e nas áreas setentrionais do território Bororo:

- Kie:** nas proximidades da atual cidade de Campo Grande;
- Baadojeba Cebegiwu:** entre o curso inferior do São Lourenço e o rio Itiquira;
- Bakoro Eceráe:** nas cabeceiras do rio Vermelho;
- O Eceráe Boro Eceráe:** na confluência do rio das Garças com o Araguaia.

As aldeias subseqüentes de cada um dos possíveis proto-clãs indicam uma certa compressão e convergência para a região dos rios Cuiabá e Tadarimana (cf. Wust e Viertler, 1984). Para que este eventual processo de uma aliança entre diversos grupos locais possa ser testado a partir das evidências arqueológicas, há necessidade de prospecções dentro de toda a área acima mencionada, o que evidentemente só poderá ser realizado a médio prazo. Como o quadro tecnológico não coincide necessariamente com grupos lingüísticos ou culturais (cf. p. ex.: Allen e Richardson, 1971; Hodder, 1978 e 1982), os dados sobre padrões de assentamento

(localização, distribuição, morfologia e implantação dos sítios), que remetem a aspectos demográficos, redes de relações sociais, graus de permanência e sistemas de abastecimento, constituem um corpo empírico indispensável.

Um mapeamento das aldeias concomitantes do fim do século XIX e início do século XX, no curso médio e alto do rio Vermelho, evidenciam um padrão linear, mantendo os assentamentos um espaçamento bastante regular, que oscila entre 18 a 25 km. As comunidades vizinhas estavam interligadas por intensas redes cerimoniais, consolidadas especialmente por ocasião dos rituais funerários, e tudo indica que existiram vários subsistemas desta natureza. Como todas as aldeias dentro do território tribal Bororo se caracterizam por um sistema aberto a qualquer membro desta sociedade, uma alta mobilidade espacial individual é favorecida. Conseqüentemente, as hierarquias entre as aldeias se mostram bastante fluídas, e parecem não estar expressas necessariamente em termos da quantidade de unidades residenciais.

Por sua vez, os "magurus", a prática de deslocamentos periódicos por pequenos grupos, que podem durar de três meses a dois anos, contribuem também para a consolidação das redes de relações intercomunitárias a nível do território tribal, uma vez que as rotas dos deslocamentos de maior duração incluem freqüentemente estadias em diversas aldeias, às vezes longínquas. Este remanejamento populacional, dentro de uma área geográfica ampla e ecologicamente diversificada, possibilita, além dos constantes fluxos de informação, um sistema cooperativo que envolve trocas de matérias primas raras, já observadas por von den Steinen (1894:481), como também ajuda mútua em situações de guerras extratribais. Desta forma, as redes cerimoniais e as trocas impedem hostilidades abertas entre as comunidades locais por todo o território tribal.

O abandono definitivo de um assentamento, por sua vez, é motivado, em primeiro plano, por questões de salubridade, decadências construções ou óbitos freqüentes, como é apontado também por Gross (1983). Os dados etnográficos, principalmente aqueles obtidos por Serpa (1983) sobre o sistema agrícola tradicional, demonstram que o deslocamento de uma aldeia não está diretamente relacionado ao esgotamento dos solos agricultáveis, como é muitas vezes afirmado na literatura. A reedificação das aldeias Bororo, se dá, em geral, dentro de uma distância inferior a 2 km, resultando num padrão que no registro arqueológico se apresenta nucleado. Vale isso principalmente para a fase final da ocupação Bororo, quando o padrão linear já estava plenamente desenvolvido, inviabilizando a fundação de novas aldeias nos espaços intervalares entre as já existentes (cf. Flannery, 1976).

Tendo em vista a importância dos aspectos demográficos para compreender a complexificação sócio-política de uma sociedade, foram elaborados os primeiros parâmetros populacionais, tanto a partir de dados bibliográficos quanto de censos (cf. Wust, 1983/84), levando-se em conta a cristalização espacial desta variável. Relata Colbacchini (1942:35), ainda para o final do século passado, a presença de aldeias Bororo formadas por 5, 6 ou mais anéis concêntricos de casas. Uma planta de uma aldeia do início do século XX (cf. Rondon e Faria, 1948) mostra 140 unidades residenciais com três anéis concêntricos. Estes dados evidenciam a presença de um contingente demográfico considerável a nível de assentamento, ainda mais na medida em que as casas tradicionais parecem ter sido plurifamiliares. Os dados dos censos disponíveis a partir do século XIX, compilados em grande parte por Viertler (1982), indicam para a primeira metade do nosso século uma mudança acentuada de grandes casas plurifamiliares para casas ocupadas por uma a no máximo três famílias.

As atuais casas de Tadarimana, já com nítidas influências regionais, apresentam áreas habitacionais cobertas que variam de 30 a 46 metros quadrados, o que significa um espaço médio de 7 a 8 metros quadrados por pessoa. Contudo, não dispomos ainda de nenhum controle etnográfico quanto a possíveis mudanças no sistema proxêmico dos Bororo, de modo que tais parâmetros podem ser aplicados somente com certa reserva no contexto arqueológico. Há necessidade de se obterem parâmetros complementares que levem em conta espaçamento entre unidades residenciais, tamanho da casa dos homens, número de fogueiras para o processamento de alimentos em relação às famílias nucleares, etc.

Outros dados etnoarqueológicos obtidos, principalmente a partir de informantes, referem-se à relação entre o quadro de algumas classes de artefatos (a cerâmica e o lítico) e a organização social, processos de manufatura, enquanto aspectos sobre locais de uso e de descarte, e exigem ainda investigações futuras.

Além dos aspectos de apropriação dos espaços a nível territorial e de assentamento, a cerâmica é um indicador importante para identificar sítios arqueológicos recentes com um grupo etnográfico particular. Uma caracterização morfológica e tecnológica da cerâmica Bororo pode ser encontrada em Albisetti e Venturelli (1962:92-6) e Muccillo e Wust (1981/82). Trata-se de uma cerâmica não decorada, com paredes relativamente finas (0,4 a 1,0 cm), bordas não reforçadas, bases redondas e superfície externa marrom escura, devido ao tratamento de aspensão após a queima e o emprego de diversos temperos de cariapé (cinzas vegetais).

Enquanto os artefatos líticos não parecem expressar nenhuma diferença em relação ao sistema social, o mesmo não acontece com a cerâmica.

Além daqueles recipientes comuns a todos, há aqueles limitados a clãs específicos. Distinguem-se estes recipientes por pequenos apêndices, boca ovalar, forma mais alongada ou presença de ombro e cuja confecção e uso é basicamente restringido às mulheres da metade Tugaregue. Apesar desta privacidade clânica, o direito do uso de tais artefatos ou mesmo a sua fabricação podem ser cedidos a membros da outra metade. Espera-se encontrar, portanto, no registro arqueológico uma distribuição espacial não nitidamente nucleada destas formas específicas, o que por sua vez poderia ser um indicador para o grau das redes de relações sociais e mesmo cerimoniais entre clãs de metades opostas e, com isto, para possíveis mudanças da integração sócio-cultural, ocorridas ao longo da ocupação pré-colonial.

#### OS DADOS ARQUEOLÓGICOS E PRIMEIRAS HIPÓTESES LEVANTADAS

Foram prospectados até agora 78 sítios arqueológicos, dos quais a maioria se situa dentro de cinco áreas de amostragem, localizadas no alto e médio curso do rio Vermelho e de seus afluentes (vide mapa). Trata-se de 13 abrigos sob-rocha com presença de arte rupestre em baixo relevo, de 1 sítio de arte rupestre a céu aberto, de 3 sítios líticos e de 61 sítios cerâmicos dos quais 20 podem ser identificados com antigas aldeias e acampamentos Bororo.

As datações absolutas pelo método C-14, os aspectos distribucionais dos sítios, sua localização, implantação no relevo, aspectos morfológicos e estratigráficos, como também a natureza do quadro dos artefatos, permitiram até agora a distinção de quatro níveis temporais, dos quais os primeiros dois correspondem a um estágio pré-cerâmico e os dois últimos à presença de grupos ceramistas agricultores dos quais o mais recente são os Bororo.

1) As evidências mais antigas da ocupação humana por ora localizadas, são representadas por sítios líticos a céu aberto, associados a grupos caçadores/coletores. O quadro tecnológico deste nível temporal apresenta fortes semelhanças com a fase Paranaíba, estabelecida por Schmitz (1980) para o sudoeste do Estado de Goiás, onde recua a um período de 11.000 a 6.000 AP. Os artefatos líticos característicos são raspadores plano-convexos, com um elaborado trabalho secundário ao longo de todos os bordos.

2) Entre este nível temporal antigo e o subsequente, ocorre uma nítida ruptura não só temporal, mas também tecnológica. Predominam grandes raspadores produzidos por percussão dura, com raro trabalho secundário e lascas não retocadas, cujos traços de uso indicam funções de perfurar, cortar e polir. Este quadro tecnológico é encontrado tanto nos níveis infe-

riores dos abrigos sob-rocha como também em sítios a céu aberto. As datações absolutas obtidas para este período situam-se na faixa de  $3.470 \pm 75$  AP a  $2.110 \pm 65$  AP<sup>1</sup>. Referem-se estas datações às ocupações mais antigas dos abrigos que correspondem às camadas arqueológicas inferiores, que alcançam uma profundidade de 40 a 60 cm. Pode-se ainda sugerir que parte dos baixos relevos ali presentes e caracterizados por grafismos não figurativos — semelhantes aos daqueles atribuídos ao “Estilo de Pisadas” (cf. Schmitz e Brochado, 1982) — foi executada durante este período. No sul do Brasil, estas representações gráficas estão associadas aos últimos portadores das tradições Umbu e Humaitá, situados numa faixa cronológica de 1.100 AC e 1.200 AD (cf. Schmitz e Brochado, 1982), e que, segundo estes autores, com certa probabilidade já praticaram uma agricultura incipiente.

Para a nossa área de pesquisa carecemos ainda de dados empíricos que pudessem testemunhar práticas agrícolas para este período. Todavia, registra-se em um dos sítios líticos a céu aberto a ocorrência de prováveis solos habitacionais formados por uma espessa camada de argila parcialmente oxidada e a presença esporádica de pouquíssimos fragmentos cerâmicos. Embora a presença de cerâmica não seja um indicador seguro para práticas agrícolas, a continuidade da tradição dos artefatos líticos no nível temporal subsequente poderia ser um indício de que estaríamos diante de grupos que sofreram um processo de neolitização inicial.

3) O terceiro nível temporal caracteriza-se pela presença de grandes aldeias circulares de grupos ceramistas e agricultores, com diâmetros que variam de 165 a 420 m. Uma das datações absolutas situa a presença destes grupos pelo menos a partir do século 9 da nossa era<sup>2</sup>. Os recipientes cerâmicos apresentam uma nítida influência amazônica e indicam o provável aproveitamento da mandioca (cf. Brochado, 1977). As formas básicas se caracterizam por grandes pratos rasos, grandes tigelas com bases planas e jarros. A espessura das paredes varia de 1 a 2 cm, as bordas são predominantemente infletida e às vezes apresentam reforços, ocorrendo ocasionalmente um banho vermelho. O tempero da argila é constituído por diferentes tipos de cariapé (cinza vegetais), aos quais pode estar associado, às vezes, um pó ferruginoso. Devido às fortes semelhanças deste quadro tecnológico com tradições ceramistas já estabelecidas para as áreas do Araguaia e Tocantins (cf. Schmitz, Wust, Copé, Thies, 1982), denominamos este provisoriamente de Complexo A. As aldeias deste nível temporal se localizam preferencialmente em áreas de cabeceiras sobre amplos chapadões, longe dos cursos d'água de maior porte e em geral numa vegetação de cerrado. A distribuição espacial dos sítios apresenta um padrão disperso e os espaçamentos reduzidos permitem excluir, para a sua maioria, a possibilidade de concomitância. No entanto, alguns dos sítios deste complexo A se localizam

também nas margens dos grandes rios em áreas de largas faixas de mata ciliar.

Uma primeira hipótese levantada para explicar estes assentamentos em termos de pressões ecológicas que exigiriam uma complementação da dieta na base de recursos protéicos de peixes (cf. Gross, 1983 e Jochim, 1981), pode ser refutada a partir da datação de um destes sítios que é de  $1090 \pm 60$  AP<sup>2</sup>, portanto contemporânea à ocupação das cabeceiras. A presença de uma cerâmica da Tradição Tupiguarani da Subtradição Pintada, associada ao Complexo A neste sítio ribeirinho, sugere que uma mudança nos padrões de implantação dos assentamentos foi motivada possivelmente por razões de ordem sócio-política. Parece tratar-se de uma nova estratégia de assentamento com fins defensivos diante do avanço de grupos canoeiros, portadores da Tradição Tupiguarani. Contudo, a natureza destes aparentes contatos intertribais exige ainda investigações pormenorizadas.

Tomando por base as associações estratigráficas, a distribuição espacial dos abrigos e dos sítios cerâmicos, bem como as datações absolutas, pode-se sugerir uma articulação entre os sítios do Complexo A e a última ocupação ceramista de alguns dos abrigos sob rocha. Para um destes sítios dispomos de uma datação de  $1150 \pm 65$  AP que poderia indicar que parte da arte rupestre ali presente foi executada por estes agricultores antigos. Trata-se principalmente de figuras zoomorfas e antropomorfas, executadas por picoteamento, sobrepostas a grafismos não figurativos de um período anterior onde predomina a técnica de raspagem. Provavelmente possa se atribuir a estes grupos também o painel de arte rupestre em baixo relevo a céu aberto que mostra uma cena de 53 figuras humanas em tamanho quase natural, organizados em três fileiras ao redor de uma figura geométrica ovalar. Ao considerar-se a ordenação espacial das figuras, suas dimensões e atributos materiais associados, esta representação gráfica fornece uma série de informações sobre artefatos plumários, instrumentos musicais e pintura corporal, bem como sobre certos aspectos hierárquicos da sociedade ali representada.

4) O último nível de ocupação pré-colonial da área é testemunhado pelos assentamentos Bororo que apresentam um padrão linear ao longo das grandes vias fluviais. As informações etno-históricas e etnográficas permitem a identificação destes sítios com antigos assentamentos Bororo e esta tradição ceramista ali constatada será chamada provisoriamente de Complexo B, que se distingue claramente dos artefatos do Complexo A.

Tanto a proporção dos sítios identificados com antigos assentamentos Bororo, quanto a presença de evidentes sinais de contato com a sociedade envolvente (artefatos de vidro e metal) em algumas destas antigas aldeias,

parecem indicar uma ocupação relativamente recente da área do rio Vermelho por este grupo indígena etnograficamente documentado. No entanto, a ocorrência simultânea da tradição ceramista dos Complexos A e B nos mesmos níveis estratigráficos em alguns poucos sítios, e em especial naquele sítio que pelos próprios Bororo foi identificado como "Arigão Bororo", evidencia mudanças culturais acentuadas não muito remotas. Trata-se, segundo os informantes indígenas, do seu primeiro assentamento da área do rio Vermelho onde teria se dado a consolidação final do sistema dual e clânico. Pode-se levantar, portanto, a hipótese que o Bororo etnográfico resultaria da fusão de grupos culturais distintos. As evidências arqueológicas das grandes aldeias de grupos agricultores, possivelmente mandioqueiros do Complexo A, que apresentam uma distribuição espacial que coincide justamente com aquela área que foi indicada pelos Bororo como a região das aldeias privativas de alguns dos clãs da metade dos Ecaráe, poderiam corroborar a hipótese já levantada por Zerries (1953). Com base na análise mitológica e do sistema religioso, sugere este autor que os Bororo teriam se originado da fusão de grupos agricultores (os Ecaráe) com grupos predominantes caçadores/coletores (os Tugaregue). Todavia, somente pesquisas nas possíveis áreas de procedência dos portadores do Complexo cerâmico B ao longo do rio Paraguai, baixo do rio São Lourenço e rio Cuiabá, poderão elucidar a médio prazo até que ponto este estaria associado a uma sociedade predominante caçadora/coletora/pescadora ou a grupos que já praticavam uma agricultura.

De qualquer forma, a natureza do contato entre os portadores de ambas as tradições ceramistas do complexo A e B exigem futuras investigações, principalmente porque contactou-se nas últimas pesquisas de campo, em julho de 1986, a ocorrência de assentamentos com aparente conotação de refúgio. Trata-se de duas pequenas aldeias situadas no topo de um dos morros testemunhos de difícil acesso, e onde se averiguou a presença de ambas as tradições ceramistas nas mesmas unidades habitacionais. Este dado, por sua vez, poderia remeter à idéia já formulada por Viertler (1982:11) de que a formação da sociedade Bororo etnograficamente conhecida poderia ser resultado da compressão territorial provocada pelo avanço da própria sociedade nacional.

Ocorre ainda um quadro mais complicado na formação da sociedade Bororo, quando consideramos que em alguma das antigas aldeias pré-contato deste grupo se registra a continuidade da presença do material cerâmico intrusivo da tradição Tupiguarani, Subtradição Pintada. Esta caracteriza-se nesta área pela presença de recipientes relativamente pequenos e uma decoração exclusivamente policrômica. Verifica-se uma presença prolongada destes portadores ceramistas na área, que remonta pelo menos ao século 9 da nossa era e perdura até o período histórico. Embora a natureza destes possíveis contatos intertribais ainda seja de difícil determinação,

pode-se sugerir, a partir das evidências arqueológicas, uma certa absorção de portadores da tradição Tupiguarani na própria sociedade Bororo. Tanto a cerâmica da Tradição Tupiguarani como a cerâmica Bororo começam a apresentar, nos sítios mais recentes, influências mútuas. Formas cerâmicas da tradição Tupiguarani são manufaturadas com tempero do Complexo B e neste, por sua vez, começa a registrar-se o emprego de cacos moídos, tempero característico da tradição Tupiguarani. Pode-se entender talvez, à luz destes dados, também a colocação de Levi-Strauss (1973:217) de que os Bororo antigamente teriam pintado a sua cerâmica e que teriam abandonado este costume por uma proibição religiosa (sic). Deve-se ressaltar ainda que diversos autores já suspeitaram de uma influência de grupos Tupi no seio da sociedade Bororo, tanto a nível lingüístico (cf. Loukotka, 1939), como em termos de outros aspectos culturais (cf. Viveiros de Castro, 1986:29). Ao compararmos a cerâmica da tradição Tupiguarani nos sítios desta área com os dados disponíveis para o Brasil, verifica-se uma maior semelhança deste material com aquele descrito para os grupos mais antigos que desembocam no subgrupo dos Guarani (cf. Brochado, 1984: 249-82), podendo-se excluir uma conexão com grupos expostos às influências missionárias.

Apesar da complexa relação que existe entre cultura material e grupos étnicos e/ou lingüísticos (cf. entre outros Hodder, 1978 e 1977), não se pode rejeitar completamente uma possível identificação arqueológica na área em questão, onde se registra uma confluência de culturas amazônicas e chaquenhãs e onde há uma continuidade cultural entre o presente etnográfico e os últimos ocupantes pré-coloniais. Concebendo a cultura material não somente como um produto, mas como geradora das relações sociais, regidas estas por princípios ideacionais, associações significativas e múltiplas das diversas cristalizações materiais, tanto dos quadros tecnológicos quanto das diversas formas da apropriação dos espaços, poderão remeter em circunstâncias particulares à identificação de unidades culturais específicas.

#### NOTAS

- (1) — Foram obtidas as seguintes datações absolutas de C14, fornecidas pelo Japan Radioisotope Association em 1986 para seis sítios arqueológicos da área de pesquisa, as datações aqui apresentadas são baseadas na meia-vida de 5.730 anos:
- |  |                            |
|--|----------------------------|
| MT-GA-06 (Abrigo-sob-rocha): Nível 7                                       | 3.470 + à 75 B.P. (N-5117) |
| MT-SL-38 (Abrigo-sob-rocha): Nível 3                                       | 2.560 + à 80 B.P. (N-5112) |
| MT-RN-11 (Abrigo-sob-rocha): Nível 6                                       | 2.110 + à 75 B.P. (N-5116) |
| MT-SL-29 (Sítio cerâmico do Complexo B): Nível 4                           | 1.150 + à 60 B.P. (N-5114) |
| MT-SL-03 (Sítio cerâmico do Complexo B e da Tradição Tupiguarani): Nível 4 | 1.090 + à 60 B.P. (N-5113) |
| MT-SL-31 (Abrigo-sob-rocha): Nível 4                                       | 1.090 ± 75 B.P. (N-5115)   |

## BIBLIOGRAFIA

- ALBISETTI, C. E., A. J. VENTURELLI. *Enciclipédia Bororo*. v. 1 e 2. Campo Grande, Museu Regional Dom Bosco, 1962/67.
- ALLEN, W. L., E. J. B. RICHARDSON III. The reconstruction of kinship from archaeological data: the concepts, methods, and feasibility. *American Antiquity*, 36(1):41-53, 1971.
- BINFORD, L. R. Archaeological Perspectives. In: L. R. Binford e S. R. Binford (eds.), *New Perspectives in Archaeology*. Chicago/New York, Aldine, p. 5-32, 1968a.
- . Methodological considerations of the archaeological use of ethnographic data. In: R. B. Lee e I. DeVore (eds.), *Man the Hunter*. Chicago, Aldine, p. 268-73, 1968b.
- BROCHADO, J. P. Alimentação na floresta tropical. *Instituto de Filosofia e Ciências Humanas*, UFRGS n<sup>o</sup>. 2, Porto Alegre, 1977.
- . *An ecological model of the spread of pottery and agriculture into Eastern South America*. Ph. D. thesis, University of Illinois, (mimeo.), 1983.
- BUTZER, K. W. *Archeology as human ecology* (2<sup>a</sup> ed.). Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- CALDAS, J. A. *Memória histórica sobre os indígenas da Província de Matto Grosso*. Rio de Janeiro, Typ. Politechnica de Moraes e Filho, 1887.
- CASSELLS, R. Locational analysis of prehistoric settlement in New Zealand. *Man-kind*, 8(3):212-22, 1972.
- CHANG, K. C. (ed.) *Settlement Archeology*. Palo Alto, California, 1968.
- . Settlement patterns in archaeology. *Addison Weseley Module in Anthropology*, n<sup>o</sup>. 24, 1972.
- CHARLTON, T. H. Archaeology, ethnohistory and ethnology: interpretative interfaces. In: M. B. Schiffer (ed.), *Advances in Archaeological Method and Theory*, v. 4, New York, Academic Press, 129-179.
- CLARKE, D. L. *Spatial Archaeology*. London/New York, Academic Press, 1977.
- COLBACCHINI, A. e C. ALBISETTI. *Os Bororos Orientais — Orarimogodogue do Planalto Oriental de Mato Grosso*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1942.
- CROCKER, J. C. Reciprocity and hierarchy among the Eastern Bororo. *Man*, 4(1):44-58, 1969.
- . *The social organization of the Eastern Bororo*. Ph. D. thesis. Cambridge, Harvard University Press, 1967.

- FLANNERY, K. V. Linear stream patterns and riverside settlement rules. In: K. V. Flannery (ed.), *The Mesoamerican Village*. New York, Academic Press, p. 173-80, 1976.
- FRIC, V. e P. RADIN. Contribution to the Study of the Bororo Indians with the description of an ethnographic collection presented to the Berlin Museum fuer Voelkerkunde. *The Journal of Anthropological Institute of Great Britain and Ireland*, XXXVI:382-406, 1906.
- GROSS, D. Village movement in relation to resources in Amazonia. In: R. B. Hames e W. T. Vickers (eds.), *Adaptative Responses of Native Amazonians*. London/New York, Academic Press, p. 429-49, 1983.
- HODDER, I. The distribution of material culture items in Baringo District, Western Kenya. *Man*, 12(2):239-69, 1977.
- . (ed.). *The spatial organization of culture*. Pittsburgh, University Press, 1978.
- . *Symbols in action Ethnoarchaeological studies of material culture*. Cambridge, Cambridge University Press, 1982.
- . e C. ORTON. *Spatial analysis in archaeology*. Cambridge, Cambridge University Press, 1976.
- JOCHIM, M. A. Settlement strategies. In: M. A. Jochim (ed.), *Strategies for survival — cultural behavior in an ecological context*. London/New York, Academic Press, p. 148-63, 1981.
- JOHNSON, L. Jr. Problems in "Avant Garde" archaeology. *American Anthropologist*, 74:366-377, 1972.
- KOSLOWSKI, J. Alguns dados sobre los indios Bororos. *Revista del Museu de La Plata*, VI:375-412, La Plata, 1895.
- LEVAK, Z. *Kinship system and social structure of the Bororo of Pobojaré*. Ph. D. thesis. Yale University, ms, 1971.
- LEVI-STRAUSS, C. Reciprocity and hierarchy. *American Anthropologist*, 46: 266-68, 1944.
- . *Tristes Trópicos*. Editora Universitaria de Buenos Aires, 2ª ed. p. 191-237. 1973.
- LOUKOTKA, C. Línguas indígenas do Brasil. *Revista do Arquivo Municipal*, LIV: 153, São Paulo, 1939.
- MUCCILLO, R. e I. WUST. Aspectos da tecnologia cerâmica Bororo. *Arquivos do Museu de História Natural*, VI-VII:323-28. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 1981/82.
- RONDON, C. M. S. e J. B. FARIA. Esboço gramatical e vocabulário de língua dos Bororo. *Conselho Nacional de Proteção aos Índios, Publicação nº 77*. Rio de Janeiro, 1948.

- SCHMITZ, P. I. A evolução da cultura do sudoeste de Goiás. *Pesquisas, Antropologia*, 31:185-222. São Leopoldo, 1980.
- . e J. P. BROCHADO. Petroglifos do Estilo Pisados no centro do Rio Grande do Sul. *Pesquisas, Antropologia*, 34:3-47. São Leopoldo, 1982.
- , e I. WUST, S. M. COPE e E. THIES. Arqueologia do Centro-Sul de Goiás — Uma fronteira de horticultores indígenas no Centro do Brasil. *Pesquisas, Antropologia*, 33. São Leopoldo, 1982.
- SERPA, P. N. Projeto Etnoarqueológico e Arqueológico da Bacia do Rio São Lourenço, MT. I. Relatório à FAPESP. "As roças Bororo de Tadarimana" (ms.). 1983.
- STANISLAWSKI, M. Ethnoarchaeology and settlement archaeology. *Ethnohistory*, 20(4):375-92, 1973.
- STEINEN, K. v. d. *Unter den Naturvoelken Zentralbrasiliens*. Berlin, Dietrich Reimer, Geographische Verlagsbuchhandlung, 1894.
- STILES, D. Ethnoarchaeology: a discussion of methods and applications. *Man*, 12:87-103, 1977.
- TRIGGER, B. G. Ethoarchaeology: some cautionary considerations. Proceedings of the American Ethnological Society. In: E. Tooker (ed.) e W. C. Sturtevant (org.), *Ethnography by Archaeologist*. The American Ethnological Society, p. 1-9, 1978.
- TRINGHAM, R. Experimentation, ethnoarchaeology and the leapfrogs in archaeological method. In: R. A. GOULD (ed.), *Explorations in Ethnoarchaeology*. Albuquerque, University of New Mexico Press, p. 169-9, 1978.
- VIERTLER, R. B. As aldeias Bororo: alguns aspectos de sua organização social. *Coleção do Museu Paulista, Série Etnologia*, 2. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1976.
- . *Aroe Jaro — Implicações adaptativas das crenças e práticas funerárias dos Bororo do Brasil Central*. Tese de Livre Docência. Universidade de São Paulo, (ms.), 1982.
- . e I. WUST. Projeto Etnoarqueológico e Arqueológico da Bacia do Rio São Lourenço, MT. — Sub-Projeto Jarudore, 2ª etapa. *Projeto de Pesquisa à FAPESP*, (ms.), 1986.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. *Araweté os deuses canibais*. Rio de Janeiro, Zahar, 1986.
- WUST, I. A pesquisa etnoarqueológica entre os Bororo do Mato Grosso. *Arquivos do Museu de História Natural*, VIII-IX:285-96. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 1983/84.

- . e R. B. VIERTLER. Projeto Etnoarqueológico e Arqueológico da Bacia do Rio São Lourenço, MT. *III Relatório à FAPESP*, (ms.), 1984.
- WYLIE, A. The reaction against analogy. In: SCHIFFER, M. B. (ed.). *Advances in Archaeological Method and Theory*, v. 8. New York, Academic Press, 1985.
- ZERRIES, O. The bull-voices among South American Indians. *Revista do Museu Paulista, N.S.*, VIII:275-310. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1953.

## ANÁLISE DO PADRÃO DE ESTABELECIMENTOS TUPI-GUARANI: FONTES ETNO-HISTÓRICAS E ARQUEOLÓGICAS

Maria Cristina Mineiro Scatamacchia  
(Museu de Arqueologia e Etnologia (USP))

Francisco Mescoso  
(Dep. de Ciências Sociais - UNESP/Araraquara)

### INTRODUÇÃO

Pretendemos fazer algumas reflexões sobre o potencial e o alcance da análise do padrão de estabelecimento tupi-guarani. Quando falamos de tupi-guarani estamos nos referindo àquelas grupos pertencentes a esta família linguística, que habitavam a costa brasileira quando chegaram os europeus. Apesar das fontes utilizadas fornecerem dados sobre os povos pertencentes a esta família linguística de uma maneira geral, nos concentramos principalmente naqueles grupos tupis que foram denominados genericamente de Tupinambá. Ocupavam no momento da conquista o litoral do norte de São Paulo até a Paz do Amazonas e para o interior uma área ainda imprecisa. Na realidade tal denominação que estes indígenas davam a si mesmos, parece que se modificava quando havia o fracionamento do grupo. As fontes textuais mostram que os assim chamados Tupinambá eram aqueles estabelecidos no litoral do Rio de Janeiro, Bahia e Maranhão e, é exatamente sobre essas regiões que existem o maior número de informações, pois aí os contatos foram mais intensos.

O padrão de estabelecimento desses grupos pode ser reconstituído através das informações etno-históricas e arqueológicas.

A bibliografia utilizada compreende as crônicas e outros documentos dos séculos XVI e XVII e os registros arqueológicos dos sítios, onde o

*Revista de Antropologia*, (30/31/32, 1987/88/89).

WUST, I. Projeto Arqueológico e Etnográfico da Baía de São Lourenço, MT. — Sub-Projeto Jarudore. 2ª edição. Projeto de Pesquisa à FAPESP, (ms.), 1986.

WYTHE, A. The relation between language and culture. In: SCHIFFER, M. B. (ed.). *Man and Archaeology*. New York: Academic Press, 1982.

ZERREN, O. *Die Bororo in der Provinz Mato Grosso do Sul, Brasilien*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1973.

ZERREN, O. N. *Projeto Arqueológico e Etnográfico da Baía de São Lourenço, MT. I. Relatório à FAPESP*. "Arqueologia e Etnografia" (ms.), 1981.

ZERREN, O. Ethnoarchaeology and settlement technology. *Ethnohistory*, 20(4):375-92, 1973.

ZHITIN, K. V. *Die Bororo in Zentralbrasilien*. Berlin, Dietrich Reimer, Geographische Verlagshandlung, 1974.

ZIMMERMAN, D. Ethnoarchaeology: a discussion of methods and applications. *Man*, 12:87-103, 1977.

ZIMMERMAN, B. G. Ethnoarchaeology: some cautionary considerations. *Proceedings of the American Ethnological Society*. In: E. Tucker (ed.) e W. C. Sturtevant (org.), *Ethnography by Archaeologists*. The American Ethnological Society, p. 1-9, 1978.

ZIMMERMAN, K. Experimental ethnoarchaeology and the leapfrog in archaeological method. In: R. A. GOULD (ed.), *Experiment in Ethnoarchaeology*. Albuquerque: University of New Mexico Press, p. 163-9, 1978.

ZIMMERMAN, K. B. *As aldeias Bororo: alguns aspectos de sua organização social*. Coleção de Monografia São Francisco 2. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1976.

\_\_\_\_\_. *As aldeias Bororo — Implicações adaptativas das condições socioeconômicas das aldeias Bororo do Brasil Central*. Tese de Livre Docência, Universidade de São Paulo, (ms.), 1982.

ZIMMERMAN, K. B. WUST, I. Projeto Arqueológico e Etnográfico da Baía de São Lourenço, MT. — Sub-Projeto Jarudore. 2ª edição. Projeto de Pesquisa à FAPESP, (ms.), 1986.

ZIMMERMAN, E. *Arqueologia e etnoarqueologia Bororo*. Rio de Janeiro, Zahar, 1986.

ZIMMERMAN, I. A pesquisa etnoarqueológica entre os Bororo do Mato Grosso. *Arquivos do Museu de História Natural*, VII-XX:285-96. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 1983/84.